1

A maldição dos Cezarinos nas uvas de Salerno

Do céu, veio o grande susto. O canto das hélices do helicóptero era a trilha sonora do inesperado. A aeronave chegou de surpresa e por três vezes ameaçou pousar sobre a pista de dança construída em forma de um violão gigante na parte mais alta do jardim do bordel. Uma câmera de cinema Arriflex 35 milímetros, dos Estúdios Herbert Richers, repousava no colo do único passageiro do avião de asa rotativa. Ele voltava de mais um dia de filmagens do documentário sobre as três usinas hidrelétricas que a Celusa — Centrais Elétricas de Urubupungá S/A estava construindo no rio Tietê. A ideia do instrumento musical é genial, comentou o piloto. Uma forma de anunciar aos homens de alto nível, cavalheiros que voam como nós, que aqui só tem mulheres com os corpos esculpidos iguais aos violões! Cintura fina e coxas de encher o colo!

O helicóptero se aproximou o quanto pôde do violão de cimento com cacos de cerâmica bordô, assustando os funcionários, as moças e a dona da casa. Naquele momento, Eny regava

as roseiras bem perto da pista de baile. Meu São Jorge, gritou. A ventania empurrou o corpo dela e espirrou terra branca nos seus olhos. Durante a cegueira de alguns segundos, a máquina voadora aumentou ainda mais o volume da voz mecânica e fria das engrenagens engraxadas. Eny correu para o primeiro quarto que encontrou aberto, com o coração disparado e um imenso pavor da morte. Só viemos avisar que à noite nós voltaremos para conhecer todas vocês, disse o cinegrafista André d'Ugo, posicionando a câmera como se fosse começar a filmar a cena. O helicóptero, então, sobrevoou mais um pouco o bordel e desapareceu entre os raios de sol. E isso lá é jeito de chegar?! O que era aquela coisa preta que o moço estava apontando para a gente, vocês viram? Podia ser uma arma, uma máquina fotográfica. Deus me livre, não quero morrer tão cedo, comentou Eny com as inquilinas. Se eu não saio dali, aquelas navalhas de barbeiro que rodam, rodam enlouquecidas, tinham decepado o meu pescoço!

A cabeça lilás da senhora de 70 anos foi misturada à brancura do hospital. Eram as tintas lançadas no quadro grave que o destino pintava naquele espaço frio, mas cheio de algodão como a tela de um artista. O som dolorido das rodas da cadeira quase não deixavam Eny ouvir as palavras de conforto de Isabela. A sobrinha e o marido socorreram a tia às pressas assim que ela começou a passar mal. Então a levaram até o apartamento 114 do Hospital Beneficência Portuguesa em Bauru. O cardiologista Cardec Batista Rufino determinou a internação, depois de constatar que a paciente estava com insuficiência coronariana. A artéria não está conseguindo irrigar o coração como deveria. É uma consequência do diabetes, disse o médico.

Pela primeira vez, Eny não teve força para andar com as próprias pernas. Sentia muita palpitação no peito e dificuldade para respirar. Usava uma saia preta longa, uma blusa clara e os cabelos

Eny e o Grande Bordel Brasileiro_miolo 156x228mm_Versão 02_final_05.indd 22 19/02/2015 16:10:50

em tom violeta soltos e longos até os ombros. Faltavam poucos minutos para a meia-noite do dia 24 de agosto de 1987. Amanhã é aniversário da morte da minha irmã Eda e de Getúlio Vargas. Os dois morreram no dia 24 de agosto... Será que eu também vou morrer? O pânico chegou junto com Eny ao quarto do departamento de clínica médica geral. Eu vou buscar umas roupas para a senhora e já volto, fique calma, tia, tudo vai terminar bem, disse Isabela. Eny tentou esboçar um sorriso e pediu à sobrinha que levasse a aliança que ela estava usando. Ao retirar o círculo de ouro do dedo, lembrou que a joia pertencera a Maurício e estava na sua mão desde que ele morrera. Os sobrinhos saíram, e a enfermeira se apresentou. Meu nome é Madalena, já ouvi falar muito na senhora, sempre elogios, muitos elogios! Obrigada, minha filha, respondeu a cafetina, com muita falta de ar. Sabia que eu também tive uma Magdalena na família? A minha avó legítima, mãe de sangue do meu pai, também tinha esse nome.

A enfermeira Madalena vestiu a camisola de hospital na paciente, transformou a cama quase numa poltrona, instalou o soro e avisou que iria pegar o prontuário com a prescrição médica para começar o tratamento. Cansada, Eny engolia pedaços de ar um atrás do outro para tentar alimentar o corpo que tinha muita fome de vida. Olhava o líquido transparente na bolsa de plástico e pensava no vinho que não podia faltar à mesa da família. Veio-lhe à memória um turbilhão de imagens. A avó postiça Rosa Maria de Rosa molhando o pão na bebida extraída do sangue das uvas e a culpa por não ter sido perdoada por ela. Queria entender por que a velha a desprezava tanto. Será que era mesmo só porque me achava parecida com a minha vó verdadeira, a Magdalena? Meu Deus, perdoa os meus pecados. Tenho certeza de que poucos irão ao meu velório. Quem serão os corajosos que vão carregar o meu caixão até a cova? Meu Deus, não fui a maior pecadora desta cidade! Ela já tinha caído em tentação

muito antes do meu nascimento. Dizem que Bauru ficou mais de cinquenta anos excomungada pela Igreja. Um professor e um padre que iam à minha pensão me contaram muitas vezes essa história. Saiu nos jornais e tudo! Um grupo de operários da prefeitura derrubou a capela a pauladas contra a vontade do bispo de Botucatu, e ele, bravo como um leão, excomungou o povo todo daqui. E eu ainda nem tinha chegado. Aliás, nem havia nascido, meu Deus! O vigário meu cliente me disse um dia que eu vivi desse jeito porque carrego uma espécie de maldição lançada contra a minha família por alguma parente muito antiga, que também se prostituiu. Contou que essa maldição passa de prostituta para prostituta desde os tempos de Jezebel, a primeira puta da Terra. Jezebel aparece no Velho Testamento e pede para que o profeta a liberte do diabo. Do corpo de Maria Magdalena, o padre também me disse que Jesus arrancou sete capetas. E se é verdade o que fala a Bíblia, que há demônios nas prostitutas, nas mulheres que viveram como eu, por favor, meu Deus, expulsa todos eles do meu corpo e da minha alma.

Olhos de cão louco nasciam entre os dedos brancos e puros dos pés da menina. Com cachos negros despencando da cabeça, Rosa Maria de Rosa dançava sobre as uvas. Triturava as bolinhas roxas pisando, amassando, como máquina. A fruta estourava e temperava com suco melado a base do corpo da filha do dono daqueles campos de vinhedos quase infinitos. Lá no fim, bem lá embaixo, a uva se banha no oceano, dizia a garota para os filhos dos lavradores. Como as vinhas, as lendas também procriavam naquelas montanhas e, de boca em boca, embriagavam a imaginação dos pequeninos. As velhas camponesas diziam que muitas uvas ainda verdes desgarravam da mãe e saltavam, rolando colina abaixo até mergulharem nas ondas azuis do golfo de Salerno. Cabia aos polvos de tentáculos negros recolher as frutas que até